



MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS E SUA ADAPTAÇÃO À HQ: (POSSÍVEIS) IMPLICAÇÕES PARA OS JOVENS LEITORES

Patrícia Maria da Conceição Silva Santos*

RESUMO

Este artigo tem por objeto de estudo a adaptação de Memórias Póstumas de Brás Cubas em História em Quadrinhos, cujo objetivo é analisar quais as (possíveis) implicações dessa adaptação para jovens leitores, partindo-se do pressuposto de que a literatura é arte carregada de elementos sócio-histórico-culturais. Trata-se de um estudo comparativo e interpretativo desenvolvido a partir da análise de pontos convergentes e divergentes entre a obra literária brasileira adaptada ao gênero HQ da editora Escala Educacional e a obra original. Os resultados apontam para algumas alterações na essência da obra original que impossibilitam ao jovem leitor a apropriação dos elementos mencionados.

Palavras-chave: Literatura. História em Quadrinhos (HQ). Adaptação.

ABSTRACT

This article aims to study the adaptation of the Memórias Póstumas de Brás Cubas in Comics, whose goal is to analyze the (possible) implications of such adaptation for young readers, starting from the assumption that literature is loaded with art elements socio-cultural-historical. This is a comparative and interpretative study developed from the analysis of convergent and divergent points between the Brazilian literary works adapted to gender comics by editora Escala Educacional and original work. The results point to some changes in the essence of the original work that prevent the young reader ownership of the elements mentioned.

Keywords: Literature. Comics. Adaptation.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A História em Quadrinhos (HQ) é relativamente recente em nossa sociedade. Sua criação data do começo do século XX tendo como precursores o artista gráfico e escritor suíço Rudolph Töpffer, o poeta, pintor e caricaturista

* Graduada em Licenciatura Plena em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí. Especialista em Linguística Aplicada à Educação pela mesma instituição. Atualmente é professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II na rede particular de ensino no município de Timon-MA. E-mail: patty_gnr@hotmail.com

alemão Wilhelm Bush, o botânico francês Georges ("Christophe") Colomb, bem como o desenhista italiano que fez carreira no Brasil Angelo Agostini.

A qualidade da imagem, com o desenvolvimento das artes visuais e aprimoramento de impressões gráficas associadas ao uso de novas tecnologias, foi se desenvolvendo cada vez mais. Quanto ao conteúdo não foi diferente. Os primeiros quadrinhos eram unicamente humorísticos, passando em seguida a incorporar outros temas que refletiam mudanças ocorridas na sociedade.

É importante ressaltar que a HQ é um gênero textual que pertence ao tipo narrativo, afinal como afirma Marcuschi (2012), quando se trata de compreensão e produção de gênero textual é importante que se faça essa distinção.

Como gênero textual a HQ está ligada à eventos históricos e à vida sócio-cultural, portanto sofreu alterações com as modificações ocorridas em sociedade ao longo dos anos. Seu caráter eminentemente dinâmico facilita a intergenericidade e possibilita a transformação e adaptação do gênero o que ratifica as palavras de Marcuschi (2002, p. 19) “os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos”.

Há muito tempo o cinema e o teatro transformam a linguagem literária em novas formas de linguagem cada uma com suas particularidades. Dessa forma, a fim de atender às necessidades do sujeito, a HQ possibilita a adaptação de clássicos da literatura. Atualmente o número de obras literárias clássicas em quadrinhos tem aumentado consideravelmente.

É incontestável que a leitura por fruição já não é mais tão praticada como outrora. A leitura de obras literárias, incluindo os clássicos, atualmente está mais atrelada à escola, como afirma Silva (2009). A leitura, antes praticada como entretenimento, agora compete com outras formas de distração como a TV, a *internet* com suas poderosas redes sociais entre outras. Talvez assim tenha surgido a necessidade da adaptação, como uma tentativa de aproximar mais o leitor da obra tornando-a mais atraente.

Um dos grandes desafios que cercam o professor de literatura é despertar a atenção de jovens leitores. Tal dificuldade é visível na relutância dos alunos quanto à leitura de obras literárias, principalmente os clássicos que pertencem a um universo tão diferente do seu.

Para chegar aos resultados apontados por este trabalho, optou-se por uma pesquisa comparativa e interpretativa, com abordagem qualitativa, tendo por base a análise documental —que constitui uma técnica útil nesse tipo de abordagem— da adaptação em HQ de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis da editora Escala Educacional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Literatura, diferentemente das outras ciências, não deve ser encarada como material fonte de utilidade prática e direta, pois sua constituição é fruto de uma produção cultural e estética. Como afirma Silva (2009), a leitura deixou de ser fonte exclusiva de fruição e passou a adquirir um caráter de obrigatoriedade na sala de aula. O que tira do aluno totalmente o prazer estético e torna-se uma atividade maçante e nada empolgante. Todavia seguem-se algumas considerações acerca do tema.

Dar uma definição pronta e acabada para Literatura é uma tarefa muito complexa, como assevera Massaud Moisés (1989), muitos estudiosos têm tentado encontrar uma definição completa. Longe de dar um conceito definitivo para Literatura, mas de forma conveniente para dar prosseguimento ao estudo, será adotado o conceito de Massaud Moisés (1989) de que a Literatura é uma forma de conhecimento; uma recriação da realidade por meio do uso da palavra.

A Literatura, fazendo uso de palavras multívocas, seja dona dum privilégio que é, afinal de contas, o predicado que distingue os homens dos animais irracionais: a palavra confere à Literatura uma personalidade que as demais artes desconhecem, salvos nalguns aspectos de ordem crítica. Por outros termos, a palavra, o meio mais eficiente de comunicação entre os homens, é atributo exclusivo da Literatura: entre as Artes é a única que a emprega como meio de expressão e emprega-a polivalentemente. Tal privilégio torna a Literatura arte por excelência, portanto a palavra multívoca consegue exprimir, significar tudo quanto os signos das outras artes. (MOISÉS, 1989, p. 41)

Ainda sobre a visão do autor, tendo em vista que o objeto de trabalho da Literatura é a palavra e, portanto, a linguagem de modo geral — de criação exclusivamente humana—, deve-se ter em mente que seu objeto de estudo é dinâmico e sofre transformações e influências culturais ao longo do tempo. A

Literatura, então, não pode ser encarada de maneira dissociada de seu contexto sócio-histórico-cultural, pois dele se origina. Segundo o autor, a Literatura não deve jamais ser vista apenas como forma de entretenimento. Portanto, para as próximas análises será adotada essa visão acerca da leitura de obras literárias.

Nesse sentido é de fundamental importância levar em consideração para este estudo o que Antônio Cândido (1972) chama de função humanizadora da literatura. Segundo o autor, as funções da Literatura podem ser descritas por meio de três perspectivas básicas.

Para o autor, o ser humano tem (1) *necessidade universal de ficção e fantasia* com alguma conexão com a realidade. Essa necessidade é suprida pela Literatura, daí o surgimento de mitos e lendas que contemplam o fantástico, mas surgem como necessidade de explicar fenômenos reais.

O estudioso destaca ainda um ponto essencial quanto ao uso de obras literárias para fins unicamente educacionais. Para ele a função formadora da literatura ultrapassa a simples formação educacional, (2) *contribuindo para a formação da personalidade*:

A literatura pode *formar*; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, — o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em grande voga), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, — com altos e baixos, luzes e sombras. (CÂNDIDO, 1972, p. 84)

Finalizando as funções da Literatura, o autor apresenta a terceira função que será a mais relevante para as nossas considerações: (3) *a função social da Literatura*. Essa função relaciona-se à identificação do leitor e de seu universo na obra; percebe-se aqui a função da formação integral do indivíduo. A essa função subjaz a formação de um indivíduo crítico tendo em vista que a obra literária não é desvinculada da realidade da qual emana.

Dessa maneira é uma visão muito ingênua e imatura a leitura de uma obra literária visando única e exclusivamente à fruição, ao entretenimento, como afirma Moisés (1989). Tampouco se deve ter uma visão de que a obra literária sirva somente a fins escolares, como assevera Cândido (1972). Deve-se, portanto, atentar para a leitura de uma obra literária, principalmente (mas não só) na sala de aula, visando produção de sentidos.

Nenhum leitor, por mais jovem que seja, chega a uma obra literária despido de suas experiências, crenças e ideologias. Todo leitor traz consigo uma bagagem de conhecimento que dialoga com as vozes presentes na obra literária. Dessa forma, a interpretação dada a uma obra depende também de vários fatores extralinguísticos. E cada indivíduo fará interpretações diferentes conforme suas vivências.

Antes de partir para a análise, convém salientar que o critério para identificar uma obra literária como sendo clássica são as definições propostas por Calvino (1993):

O clássico não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber), mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular). E mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação, como sempre dá a descoberta de uma origem, de uma relação, de uma pertinência. (p. 12)

Um clássico, portanto, é uma obra que todos conhecem (ou pensam que conhecem) mesmo sem nunca ter lido. É a obra que sua “fama” precede a sua leitura. É aquela obra inesgotável de significações, que faz um convite a releituras e de cada releitura emana descobertas não notadas na primeira.

Mas, como deve ser feito o contato do jovem leitor com a obra literária clássica? Essa é uma pergunta que muitos professores se fazem, tendo em vista a apatia dos alunos pela leitura como já mencionado acima. Como afirma Silva (2009, p. 44), “o professor atuando como leitor-guia pode iniciar seu aluno nesta fase de seu percurso de leitor”.

A autora salienta ainda que tal cuidado deve iniciar-se na escolha da obra que deve ter um tema e linguagem adequados à idade do aluno. O que não quer dizer também que o professor deva subestimar a capacidade do aluno evitando ir além dos conhecimentos que o aluno já possui. Pelo contrário, o professor deve partir desse conhecimento objetivando a construção de novos.

Feitas essas considerações, convém que sejam feitas algumas breves reflexões acerca da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* que será analisada. Breves no sentido de que não se deve perder o foco principal deste trabalho, que é proceder a uma análise comparativa e interpretativa da obra com a sua adaptação ao HQ.

Trata-se do romance inaugural do Realismo brasileiro no século XIX, mais precisamente em 1881, de Machado de Assis. É uma obra carregada de ironia e crítica à sociedade carioca da época. Nela o autor faz uma análise do interior das personagens descrevendo-as psicologicamente.

Rodrigues (2001, p. 15), caracteriza a obra como “estranha”, afinal, o narrador-personagem, Brás Cubas, depois de morto narra sua vida e conta suas alegrias e tristezas dando enfoque às pessoas que por ela passaram. O narrador utiliza-se de críticas, sarcasmos e ironias para caracterizar personagens, crenças, literatura, filosofia etc. Na condição de defunto, o autor está livre de sanções e recriminações pelas quais passam os vivos. Como corrobora Rodrigues (2001, p. 17), “o distanciamento imposto pela morte lhe aprimora a indiferença forçada, o cinismo ambivalente, o vazo gozado.”

Enfim, Memórias Póstumas de Brás Cubas é uma obra clássica da literatura brasileira muito complexa para se fazer uma síntese de sua grandeza neste curto espaço, para maiores considerações acerca da obra, queira consultar Rodrigues (2001), Faccioli (2002), Pereira (1988) entre outros tantos autores.

3 ANÁLISE COMPARATIVA DA OBRA E SUA ADAPTAÇÃO À HQ

Partindo do pressuposto de que a leitura de obras literárias assume múltiplas funções e visões, e que sua leitura não deve ser vista única e exclusivamente como mera forma de entretenimento dado o contexto sócio-histórico-cultural a ela vinculado e do qual carrega consigo elementos imprescindíveis para a sua significação, proceder-se-á à análise do *corpus*.

Em uma rápida observação pode-se inicialmente destacar que a adaptação em HQ de Memórias Póstumas de Brás Cubas não é dividida em capítulos conforme o livro. Logo de início o quadrinista mostra duas figuras da personagem Brás Cubas uma sobreposta à outra dentro do caixão, uma delas tendo a pele e vestes em tom mais claro que as demais personagens ao seu redor, sugerindo um fantasma. A personagem anda pelas ruas e casas contando sua história.

Ao chegar ao capítulo “*Chimène, qui l’eût dit? Rodrigue, qui l’eût cru?*” da obra original no qual a personagem Brás Cubas descreve Virgília como “à porta da alcova pálida, comovida, trajada de preto, e ali ficar durante um minuto” (ASSIS,

2004, p. 18), na HQ a personagem aparece vestida de cinza, sem a profunda descrição de sua feição mostrada na obra original.

Ainda no mesmo capítulo, lê-se este trecho “—Anda visitando os defuntos? Disse eu. — Ora, defuntos! Respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: — Ando a ver se ponho os vadios para a rua” (p. 19). Esse trecho na HQ traz a personagem Virgília sentada próximo a Brás Cubas que está deitado na cama com o balão que traz a mesma fala citada acima. O que se nota de relevante é com relação ao vocabulário. A obra original traz a palavra *muxoxo*, ausente na HQ. O quadrinista, porém não pode reproduzir um muxoxo (“s.m. Estalo com a língua e os lábios, acompanhado eventualmente da interjeição ah! Indicando desprezo ou desdém” (FERREIRA, 2010)) por meio de desenhos.

Situação parecida ocorre com palavras como “pêndula” (capítulo 54), “alcova” (capítulo 57) e outros tantos vocábulos que não são colocados na imagem, ou por se dar preferência a alguns capítulos em detrimento de outros, ou simplesmente por não ser representado na imagem, para dar destaque a outros elementos da cena.

Ainda quanto ao vocabulário temos o desenho da sege (carruagem típica do século XIX), o que requer uma pesquisa por parte do quadrinista para saber o significado de muitos vocábulos para desenhá-los. Dessa forma muitos elementos aparecem representados por meio de linguagem não verbal, entretanto a falta da linguagem verbal requer um leitor altamente curioso e atento para buscar-lhe a representação verbal.

No capítulo *Delírio*, Pandora é representada na HQ por uma enorme mulher de cabelos loiros e, como no texto original, o quadrinista não lhe deu um rosto definido. A colossal figura na HQ, segura Brás Cubas pelas vestes, ação diferente do original na qual ele é agarrado pelos cabelos. Nesse capítulo vê-se que muitos elementos referentes à linguagem da descrição das personagens e do ambiente foram omitidos ou desenhados de forma muito simplória. Elementos esses que na versão original permitem ao leitor elaborar representações mentais relacionadas ao enredo criando assim uma interação maior com o mesmo.

Os capítulos *Transição* e *Naquele dia*, que se relacionam ao nascimento do defunto-autor, são retratados na HQ com apenas 2 quadrinhos. O primeiro com a personagem fantasmagórica falando diretamente ao leitor e a segunda com seu pai segurando-o quando bebê, seu tio padre Ildefonso e seu tio João antigo oficial da infantaria conjecturando sobre o que a criança seria quando crescesse.

No capítulo *Um episódio de 1814*, no qual Brás Cubas narra o episódio de estar à espera que lhe servissem compota, o livro original traz o seguinte trecho:

Quanto a mim, lá estava, solitário e deslembado, a namorar a compota da minha paixão. No fim de cada glosa ficava muito contente, esperando que fosse a última, mas não era, e a sobremesa continuava intata. Meu pai ficava, à cabeceira, saboreava a goles extensos...Eu via isso porque arrastava os olhos da compota para eles e deles para a compota, como a pedir-lhe que me servissem; mas fazia-o em vão. Pacientei-me enquanto pude; e não pude muito. Pedi em voz baixa o doce; enfim bradei, berrei, bati com os pés. (ASSIS, 2004, p. 36)

Esse episódio da vida do protagonista nos faz perceber a angústia e impaciência com que ele aguarda que lhe servissem o doce. A ansiedade do menino é evidenciada no trecho “Eu via isso porque arrastava os olhos da compota para eles e deles para a compota, como a pedir-lhe que me servissem”. Tal detalhe somente pode ser visualizado por meio de nossas representações mentais proporcionadas pela leitura de textos narrativos. Esse trecho brilhante de obra na HQ é resumido somente a uma cena: o menino com uma expressão de raiva com a mão estendida em direção à compota.

Destaque especial merece a personagem Marcela, primeiro amor de Brás Cubas, que teve uma representação importante na sua vida do defunto autor. O personagem narrou sobre seus primeiros encontros com a personagem em vários capítulos, eis alguns deles, *O primeiro beijo*, *Marcela*, *Uma reflexão imoral* e *Do trapézio e outras coisas*. A HQ, porém, reserva apenas seis cenas, relacionadas às primeiras aparições da personagem Marcela. Sendo que sua apresentação se resume a poucas falas.

Brás Cubas queria agradar a Marcela com presentes, porém usava-se de meios ilícitos para conseguir dinheiro para tal fim. O trecho abaixo deixa claro o julgamento de Brás Cubas quanto à reação de Marcela ao receber uma jóia, apesar de dizer “[...] em verdade, quer brigar comigo... Pois isto é coisa que se faça... um presente tão caro” (ASSIS, p. 42):

E, se era jóia, dizia isto a contemplá-la entre os dedos, a procurar melhor a luz, a ensaiá-la em si, e a rir, e a beijar-me com uma reincidência impetuosa e sincera; mas protestando derramava-lhe a felicidade dos olhos [...] Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro e eu levava-lhe quantas podia obter.

Da forma resumida como vem exposta na HQ, a personagem não apresenta profundidade psicológica, característica pertinente à escrita machadiana. Muito

pelo contrário, a personagem torna-se apenas mais uma dentro na narrativa sequencial.

Marcela, como descrita pela obra original, era uma mulher muito mais profunda e complexa como mostrado no seguinte trecho:

A verdade é que Marcela não possuía a inocência rústica, e mal chegava a entender a moral do código. Era boa moça, lépida, sem escrúpulos, um pouco tolhida pela austeridade do tempo [...] luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes. (ASSIS, 2004 p.40)

Como afirmam Lima e Santos (2012), Marcela era uma mulher diferente das demais da sua época. Os autores embasam-se no trecho “Vi-a sair de uma cadeirinha, airoso e vistoso, um corpo esbelto, ondulante, um desgarre, alguma coisa que nunca achara nas mulheres puras” (2004, p.40), para afirmar que Marcela não era mais virgem. O que mostra uma ruptura com o comportamento esperado de uma “moça” daquela época. Ela não era manipulada pelos desejos e vontades dos homens, muito pelo contrário.

Quanto ao espaço físico convém lembrar que topônimos como a Rua dos Ourives (capítulo 38) e Rua do Ouvidor (capítulo 50) e outros espaços do Rio de Janeiro estão presentes na obra machadiana e revelam hábitos e costumes próprios do século XIX. As lembranças de Brás Cubas sempre estão relacionadas a um espaço, tal representação não é explorada na HQ.

Leia-se o trecho “No dia seguinte, estando na Rua do Ouvidor, à porta da tipografia do Plancher, vi assomar, à distância, uma mulher esplêndida” (p.91). Pierre René François Plancher de la Noé foi um editor e jornalista francês, uma figura histórica que exilado da França abriu uma tipografia na Rua do Ouvidor. Na HQ é retratada somente a fachada da tipografia, sem haver referência a essa figura importante.

Não se pode deixar de mencionar que a adaptação, contudo, traz muitos elementos ricos ao entendimento da obra para o leitor — imaturo principalmente— como, por exemplo, a presença constante de escravos ao lado dos seus senhores mesmo quando aqueles não possuem fala alguma. Isso deixa bem clara ao leitor a posição do escravo doméstico no sistema escravista ainda vigente no século XIX.

As falas que constam nos balões, bem como as que representam as falas do narrador, não foram modificadas; foram transcritas conforme as que constam na

obra original, mesmo que de forma reduzida, trazendo consigo as marcantes diferenças histórico-linguísticas próprias do século XIX.

Outro ponto interessante e muito bem representado pelo quadrinista são as vestes das personagens. Segundo o artigo de Débora Centoamore (2011), as mulheres brasileiras no século XIX vestiam-se como as mulheres européias, apesar do clima diferente. Todas as cenas do quadrinho retratam essa fase da moda brasileira inspirada na moda européia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram observadas várias convergências e divergências entre a obra original e a sua adaptação à HQ. As divergências vão desde um equívoco quanto à cor da roupa da personagem até a omissão de parágrafos e capítulos inteiros.

Na HQ não há a noção espaço-tempo, pois a personagem com características fantasmagóricas “dialoga” como o leitor e transita pelas cenas como se elas acontecessem no momento em que são narradas. Assim, a utilização da obra literária adaptada à HQ deve ser bem orientada pelo professor, caso contrário, na sua leitura o aluno deixará de perceber as sutilezas características dos trechos narrativos originais.

Se por um lado a transformação da linguagem descritiva em linguagem não verbal proporciona a formação de “hábitos linguísticos e comportamentais”, como afirmam Palo e Oliveira (1997, p.17), com a adaptação da obra de Machado de Assis aqui analisada, por exemplo, que é carregada de trechos descritivos, o leitor perderá a magia da criação das representações mentais proporcionadas pelos trechos da descrição presentes na narrativa original, pois apenas observará a visão de outrem.

Longe de condenar o uso de obras literárias adaptadas à HQ em sala de aula pretende-se aqui apenas fazer algumas ressalvas e conduzir a algumas reflexões. Cada gênero textual, quer seja a história em quadrinhos, o romance, o conto ou outro gênero tem o seu valor sócio-histórico-cultural que deve ser considerado.

As divergências entre a obra e sua adaptação limitam o leitor quanto à interpretação dela por um lado, mas por outro lhe proporcionam entrar em contato com diferentes perspectivas da mesma obra. Portanto, quanto à leitura de obras literárias por um jovem leitor, principalmente no âmbito da sala de aula, é

necessário que o primeiro contato seja do clássico propriamente dito, com a linguagem com a qual foi “concebido” e devidas orientações do professor no sentido de guiá-lo e que outras versões e interpretações da obra sirvam-lhe como atividade complementar e não o oposto.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Joaquim M. Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas (HQ)**. São Paulo: Editora Escala Educacional, 2008.

ASSIS, Joaquim M. Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Gold Editora, 2004.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Cultrix, 1993.

CÂNDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas cidades Ed.34, 2002.

CENTOAMORE, Débora. **A evolução da moda no Brasil (parte 1)**. Disponível em <<http://cmais.com.br/arte-e-cultura/a-evolucao-da-moda-no-brasil>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

CUNHA, Simone Maria Dos Santos. **Rio de Janeiro Inscrito em Memórias Ficcionais: Memórias Póstumas de Brás Cubas e Memorial de Aires**. Novo Hamburgo. 2011. Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) – Feevale, Novo Hamburgo- RS, 2011

FACIOLI, Valentim. **Um defunto estrambótico: análise e interpretação das Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Nankin editorial, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. 5.ed. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

JARCEM, René Gomes Rodrigues. História das Histórias em Quadrinho. **Revista História, imagem e narrativa**. São Paulo: 5 set. 2007. Disponível em: <<http://www.historiaimagem.com.br/edicao5setembro2007/06-historia-hq-jarcem.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

LIMA, Danilo Mota; SANTOS, Irenilson Patrício. Transgressão e Passividade: um autor e duas mulheres. **Revista Anagrama**, São Paulo, v. 6, n. 1. set./nov. 2012.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MASSAUD, Moisés. **A criação literária: poesia**. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Rosa de. **Literatura Infantil: Voz da Criança**. 3 ed. São Paulo: 1997.

PEREIRA, L. M. **Machado de Assis**: estudo crítico e biográfico. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1988.

RODRIGUES, Antônio Medina. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**: Machado de Assis. São Paulo: Ateliê Educacional, 2001.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira**: um guia para profissionais e promotores da leitura. 2 ed. Goiânia: Cânone Editorial, 2009.